

## A Função Mediadora das *Hashtags* na dinâmica transmídia da Cerimônia de Abertura das Olimpíadas 2016<sup>1</sup>

Luciana Andrade Gomes BICALHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### Resumo

Os megaeventos esportivos têm sido marcados pela presença de *hashtags*, que são largamente utilizadas nas coberturas midiáticas, dentro e fora das redes sociais online. Nesse contexto, é possível notar um forte cruzamento entre as *hashtags* comerciais e políticas, gerando novas camadas de significação, principalmente na interface com os protestos de rua. Por essa razão, entendemos as *hashtags* como processos sógnicos que cumprem uma função mediadora. A partir da semiótica de Peirce, vamos investigar como as *hashtags* mediarão a cerimônia de abertura das Olimpíadas 2016, entrelaçando os ambientes online e offline. Os resultados apontam para uma dinâmica transmídia ancorada no uso social de *hashtags* pela associação de novos signos à semiose, gerando hábitos de ação provisórios a partir da experiência colateral.

**Palavras-chave:** *Hashtags*; Mediação; Semiose; Experiência Colateral, Transmídia.

### Introdução: atravessamentos políticos

As *hashtags* foram fundamentais na repercussão das Olimpíadas 2016 nas redes sociais online, especialmente no *Twitter*, sendo a plataforma mais utilizada durante o período. Entre os dias cinco e 21 de agosto, foram publicados 187 milhões de *tweets* relacionados ao tema, com 75 bilhões de visualizações, conforme relatório emitido pela próprio *Twitter* no encerramento do evento<sup>3</sup>. A *hashtag* #rio2016 foi a mais compartilhada na plataforma durante todo o ano, ocupando o primeiro lugar nos *Trending Topics*<sup>4</sup> do Brasil e do mundo<sup>5</sup>. De acordo com os dados, isso resultou no evento olímpico que mais utilizou o *Twitter* até hoje, ultrapassando as expectativas dos realizadores.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES /PROEX.. E-mail: lucianadrade@gmail.com.

<sup>3</sup> Informação disponível em: <<http://adnews.com.br/internet/twitter-divulga-dados-de-repercussao-dos-jogos-rio2016.html>>. Acesso em 10/12/2016.

<sup>4</sup> Sistema que oferece visibilidade às *hashtags* e termos mais comentados durante um curto período de tempo.

<sup>5</sup> Informação disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2016/12/06/rio2016-e-a-hashtag-mais-comentada-no-twitter.html>>. Acesso em 10/12/2016.

Durante o evento também houve um forte incentivo comercial para o uso das *hashtags* oficiais, ocasionando disputas entre as marcas para alcançar visibilidade no *Twitter*. O Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) chegou a proibir o uso das *hashtags* #rio2016 e #TeamUSA por marcas que não eram patrocinadoras do Comitê Internacional<sup>6</sup>, por considerá-las propriedade intelectual. O acesso só seria liberado para os veículos de comunicação tradicionais. Entretanto, as duas *hashtags* ganharam novos significados pela dinâmica de compartilhamento da rede. Elas foram fortemente vinculadas a outras *hashtags*, alterando a rota traçada inicialmente pelos patrocinadores.

Esse mosaico de associações abarcou também questões sociopolíticas, visto que o pano de fundo das Olimpíadas era o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Por ser palco de um megaevento esportivo mundial, o Brasil esteve no centro das discussões midiáticas, o que ocasionou na visibilidade dos problemas sociais, políticos e econômicos do país. Desde o começo de abril, quando ocorreu a primeira votação do processo de destituição da presidente na Câmara dos Deputados, a imprensa nacional e internacional especulou a influência da instabilidade política na realização das Olimpíadas<sup>7</sup>. Isso se deve, fundamentalmente, às manifestações e protestos recorrentes durante o período.

A reverberação desses movimentos nas redes sociais online começou a fazer parte da agenda brasileira em 2013, durante as Jornadas de Junho em prol dos problemas de mobilidade urbana dos estudantes e contra a corrupção. As manifestações ganharam outros recortes a partir de 2014 e culminaram no pedido de impeachment em 2016. Durante esse processo, houve uma polarização política entre dois grupos distintos: um a favor e o outro contra a destituição da presidente. Para dialogar e mostrar seu posicionamento nas redes sociais online e nos protestos de rua, os usuários criaram e compartilharam várias *hashtags* que marcaram o cenário político brasileiro. As principais foram #foradilma, para expressar apoio ao recurso do impeachment, e #naovaitergolpe, criada para denunciar o impeachment como um golpe contra a democracia. Nos dias 11 e 12 de maio, aconteceu a votação no Senado que acatou o protocolo de abertura do impeachment. A presidente foi afastada e o vice-presidente Michel Temer assumiu o posto de forma interina até o julgamento final em agosto,

<sup>6</sup> Informação disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2016/jul/22/us-olympic-committee-bullying-unofficial-sponsors-hashtags>>. Acesso em 10/12/2016.

<sup>7</sup> Informação disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/the\\_americas/brazilian-protesters-censored-at-olympics/2016/08/07/c8dfc014-5cca-11e6-84c1-6d27287896b5\\_story.html?utm\\_term=.5e82fa4fe489](https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/brazilian-protesters-censored-at-olympics/2016/08/07/c8dfc014-5cca-11e6-84c1-6d27287896b5_story.html?utm_term=.5e82fa4fe489)>. Acesso em 10/12/2016.

quando se tornou oficialmente presidente pela concretização do *impeachment*. Isso gerou grande revolta e intensificou os protestos entre aqueles que eram contra o processo.

Poucos meses antes de dar início aos jogos olímpicos, o presidente interino Michel Temer encontrou resistência e dificuldades para governar. Nas redes sociais online, principalmente no *Twitter*, a *hashtag* #foratemer foi largamente utilizada. Esse cenário gerou reflexos na mediação das Olimpíadas. Na cerimônia de abertura, que aconteceu no dia cinco de agosto no estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, as *hashtags* #foratemer e #foraTemerRio2016 foram acionadas para demonstrar a insatisfação com o governo e gerar visibilidade pela interseção com a temática do evento esportivo, sendo muitas vezes vinculadas às *hashtags* #cerimoniadeabertura e #rio2016, conforme veremos ao longo deste trabalho. Além de serem compartilhadas no *Twitter*, também foram usadas em outras plataformas, como *Facebook* e *Instagram*, e ocuparam lugar de destaque em cartazes expostos fora e dentro do estádio, mesmo com a proibição do governo.

Apesar de terem sido criadas com o propósito de agrupamento e monitoramento de conteúdos na internet – tendo o *Twitter* como plataforma principal -, as *hashtags* se tornaram fundamentais para a demarcação de posicionamentos comuns dentro e fora do ambiente digital. Isso significa que sua função extrapola a condição física do rastro para se tornar um agente importante na produção de sentido. Com base nisso, entendemos as *hashtags* como processos sógnicos que cumprem uma função mediadora. Nas redes sociais online, elas vinculam inicialmente pela ação sociotécnica do seu rastro indicial. Porém, pela repetição e comportamento intermídia<sup>8</sup>, - visto a conexão com outras plataformas e redes -, ela assume também uma função normativa que indica a construção de um pensamento. O mesmo acontece quando são usadas em camisetas e cartazes nos protestos de rua. Elas se transformam em signos que buscam a determinação e representação de um objeto. Assim, o que passa a operar é um processo de semiose complexo e com infinitas possibilidades (PEIRCE, 2003).

No caso das Olimpíadas, o agrupamento de *hashtags* ressignifica tanto o evento esportivo quanto o próprio contexto sociopolítico por meio do uso social e da intervenção coletiva. E esse compartilhamento gera uma dinâmica reticular e

<sup>8</sup> A dinâmica intermídia é resultado dos processos de intertextualidade entre diferentes gêneros e formatos midiáticos. Isso significa que são interações midiáticas de natureza sincrônica e diacrônica, que podem resultar em experiências estéticas diferenciadas. (MÜLLER, 2010).

transmídia, que dissipa a fronteira entre os ambientes online e offline. Assim, as *hashtags* deixam de operar apenas pela lógica do banco de dados e passam a vigorar na construção de sentido. São histórias que se complementam em cada ambiente e que possuem a *hashtag* como fio condutor. Por meio da experiência colateral, cria-se uma rede de significados móveis.

Dessa forma, buscamos compreender como a mediação de *hashtags* operou na construção da dinâmica transmídia da cerimônia de abertura das Olimpíadas, sendo um processo comunicacional que se desenvolveu, particularmente no recorte apresentado, na convergência entre entretenimento e política. Para isso, vamos nos ancorar no suporte teórico-metodológico da semiótica de Charles Sanders Peirce (1983, 2003), trabalhando os conceitos de mediação, semiose e experiência colateral para compreender a aplicabilidade dos princípios da dinâmica transmídia propostos por Henry Jenkins (2009).

A partir do site de monitoramento *Hashtagify.me*<sup>9</sup>, acompanhamos a progressão das *hashtags* #cerimoniadeabertura, #rio2016 e #foraTemerRio2016, na noite de abertura do evento, das 20h às 23h50. Com a ferramenta conseguimos identificar as principais *hashtags* relacionadas e o grau de intensidade entre elas. Também monitoramos os *Trending Topics* do *Twitter* e fizemos uma coleta manual no *Facebook* no mesmo período.

### **A função mediadora das *hashtags* nas Olimpíadas**

Segundo Bruns e Burgess (2015), o uso do *Twitter* para coordenar a discussão política e social tem crescido muito nos últimos anos, principalmente nos processos eleitorais, nos movimentos ativistas e nos eventos culturais, esportivos e televisivos. Nesse sentido, as *hashtags* sempre tiveram o papel central de organizar essas questões dentro da plataforma, atuando em contextos que vão desde a discussão geral sobre um tema até discussões que acontecem no âmbito local, estadual e nacional. Elas podem surgir como reflexo de um movimento bem planejado, sendo criada para um evento específico como #rio2016, mas também pode nascer da espontaneidade das conversações em rede, como #foraTemerRio2016. Para os autores, o mais importante é que as *hashtags* não são estáticas, visto que o uso social muitas vezes altera o seu sentido, fazendo conexão com outras *hashtags* e plataformas.

<sup>9</sup> Ferramenta de uso online que oferece recursos para observar a rede de *hashtags* acionada por proximidade e ver quais são os principais influenciadores no compartilhamento das *hashtags*.

---

Neste trabalho, entendemos essa capacidade de conexão das *hashtags* como uma função mediadora, capaz de conectar uma instância de significação a outra pela vinculação sociotécnica e pelo uso social fora dos ambientes midiáticos (ALZAMORA, ANDRADE, 2016). No primeiro caso, observamos que as *hashtags* deixaram de permear apenas as conversações no *Twitter*, mas passaram a figurar também no *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, blog e outras plataformas digitais, mesmo sem o papel de agregar conteúdo em alguns casos. Para Bruns e Burgess (2015) esse é o resultado do aprimoramento do uso comunicacional das *hashtags*, que hoje se encontram no cerne das discussões sociais e políticas. Isso configura um comportamento intermídia que influencia na construção de sentido das *hashtags*.

Já no segundo caso, a apropriação de *hashtags* pelos protestos de rua mostra o aprimoramento da comunicação pela construção de ideias e pensamentos. Fora de sua usabilidade como ferramenta de monitoramento por indexação de conteúdo, elas passam a vigorar em cartazes, camisetas e materiais impressos como símbolos de um posicionamento comum (ALZAMORA, ANDRADE, 2016). Isso cria uma dinâmica transmídia, como veremos mais adiante, pois a *hashtag* perpassa por várias plataformas e ambientes para a construção de novas semioses.

Dessa forma, uma *hashtag* pode ser vista como um signo capaz de representar um posicionamento, criando uma interface entre as dinâmicas online dos ambientes programáveis e as dinâmicas offline das ruas. Isso porque, para Peirce (2003), um signo é, de certo modo, aquilo que representa algo para alguém, compreendendo a semiose como um processo de interpretação *ad infinitum*, pois o significado de um signo é sempre outro signo, e assim por diante. Portanto, podemos afirmar que o processo de semiose é também um processo de mediação (PEIRCE, 1983), visto que um signo sempre produz um efeito em uma mente, de natureza humana ou não, com intuito de representar o objeto que o determinou.

Essa relação acontece por meio do engendramento lógico que existe entre o signo (representâmen), o objeto e o interpretante (PEIRCE, 2003). Como um signo só consegue revelar parcialmente o objeto pela representação, ele depende da experiência colateral para formar novos interpretantes. Nesse caso, experiência colateral diz respeito à familiaridade com o objeto, associando novos signos à semiose (COLAPIETRO, 2011). Isso acontece por aproximações sígnicas, como no caso das vinculações entre *hashtags* que formam uma rede em constante expansão. Entendemos que sua atuação

raramente acontece de forma isolada, temporal ou espacialmente, promovendo uma forte conexão com outras *hashtags*. Esse processo garante a manutenção da referência ao objeto sem comprometer a capacidade criativa da semiose. Por isso, para Colapietro (2011), signo é um lugar que uma partícula ocupa apenas em um lapso de tempo.

Assim, quando concebemos as *hashtags* como signos, percebemos que elas se relacionam com os objetos que as determinam em domínios distintos e provisórios de representação. Na categoria de primeiridade, o signo se apresenta como um ícone em relação ao objeto, remetendo a uma mera qualidade (sentimento), que não pode ser apreendida ou descrita. Já em nível de secundidade, o signo é um índice que deixa um rastro que aponta diretamente para o seu objeto. Por último, em nível de terceiridade, percebemos que o signo opera pela força de uma lei, de uma convenção, tornando-se um símbolo pela repetição indicial (PEIRCE, 2003). É a terceiridade que vai proporcionar a mediação entre a primeiridade e a secundidade, estabelecendo um propósito para a ação. Isso mostra que uma categoria prescinde da outra, formando o conceito de mediação de Peirce, que está empiricamente atrelado à sua noção de signo.

Por meio da ferramenta *Hashtagify.me*, conseguimos rastrear as conexões dessas e entre essas *hashtags*, mostrando quais outras foram acionadas por elas ao logo do tempo. O que diferencia o processo de semiose é o grau de proximidade entre elas, marcadas na ferramenta pela linha que relaciona umas às outras. Quanto mais próxima da *hashtag* analisada, mais recente é a associação. Quanto mais grossa a linha, maior a intensidade da ligação no contexto da conectividade. Porém, o único rastro que conseguimos apreender dessas temporalidades distintas é a formação dos novos interpretantes (novos signos), materializados na forma de *hashtags* relacionadas. Por meio da associação de ideias, podemos perceber a não linearidade das *hashtags* e seu potencial mediador.

No caso da *hashtag* #rio2016, por ser um signo oficial do evento e utilizado em escala mundial, a formação de sua semiose é diversificada (FIG.1), principalmente pela presença de *hashtags* em línguas diferentes, mas predominantemente relacionada às *hashtags* e termos olímpicos. Pelo fato da análise ter sido realizada na noite da cerimônia de abertura, percebemos uma forte conexão com a *hashtag* #openingceremony, manifestada por meio da linha encurtada e mais grossa que as outras. Isso demonstra que a vinculação foi recente e bem significativa. Outra conexão próxima é com a *hashtag* #teamUSA, pois ambas foram requisitadas pelo Comitê

Olímpico dos Estados Unidos para serem utilizadas com exclusividade pelos patrocinadores do Comitê Internacional.

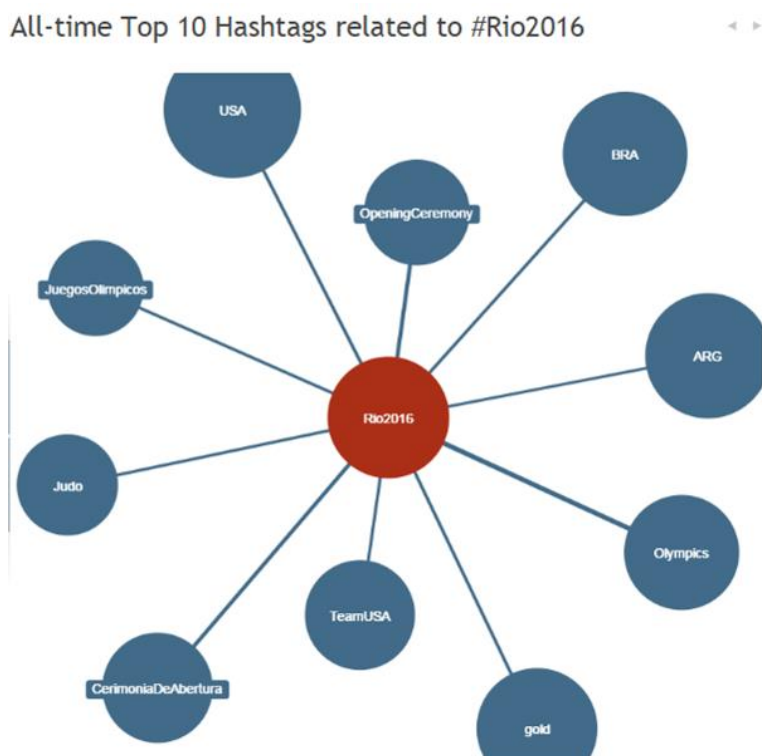


FIGURA 1 - Relações estabelecidas pela hashtag #rio2016 no Twitter.

FONTE - *print screen* da análise realizada pela ferramenta *Hashtagify.me*.

Entretanto, quando olhamos para a semiose da hashtag #cerimoniadeabertura (FIG.2), limitada ao âmbito nacional por estar na língua portuguesa, ela já apresenta relações com as hashtags políticas #foraTemerRio2016, #foratemer e #eugritomoro<sup>10</sup>. Porém, no horário do monitoramento, ela também demonstrava forte vinculação à hashtag #openingceremony. Por outro lado, apesar de estabelecer uma conexão mais distante, pela linha fina, a hashtag #somostodosolimpicos<sup>11</sup> surgiu como um novo signo na semiose. Ela foi muito propagada e utilizada pela cobertura midiática da Rede Globo, conectando o conteúdo dos programas televisivos às discussões nas redes sociais online. Porém, trata-se de um signo oposto às hashtags de protesto, visto que os manifestantes contra o governo do presidente Michel Temer recorrentemente nomeiam a emissora como “golpista”, inclusive utilizando muitas vezes a hashtag #globogolpista. Isso

<sup>10</sup> Este trabalho não vai contemplar a análise da hashtag #eugritomoro, porém sua contextualização é fundamental para o entendimento da semiose gerada. Trata-se de uma referência ao Juiz Sérgio Moro, que foi convocado para assumir a operação Lava-Jato.

<sup>11</sup> Ver explicação da hashtag em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/play-nos-jogos-olimpiada-de-graca-no-globoesportecom-e-no-globo-play.html>. Acesso em 20/08/2016.

demonstra que os novos interpretantes são fruto de uma experiência colateral mais heterogênea, que encontrou caminhos variados para a significação.

#### All-time Top 10 Hashtags related to #CerimoniaDeAbertura

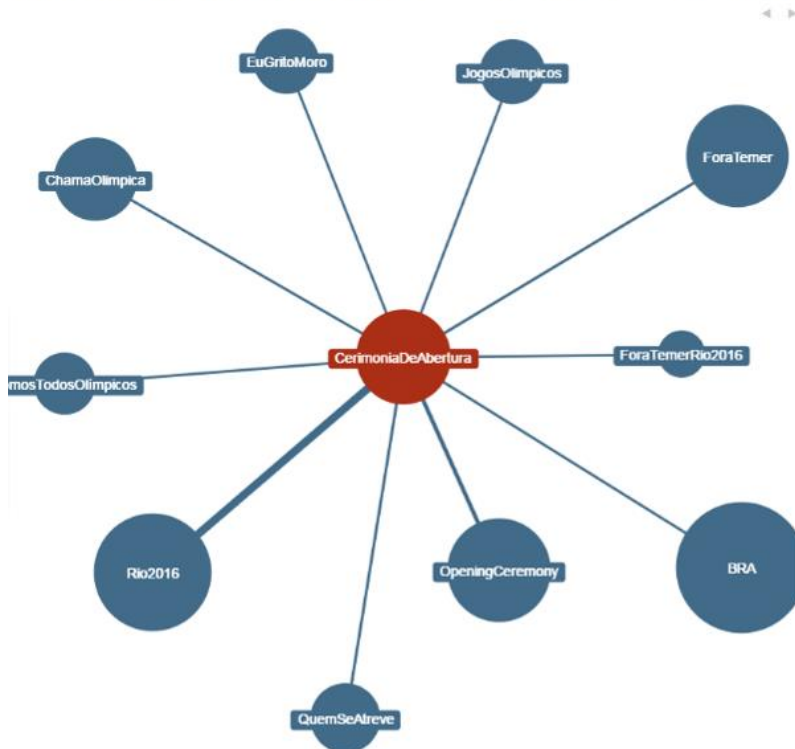


FIGURA 2 - Relações estabelecidas pela hashtag #cerimoniadeabertura no Twitter.

FONTE - *print screen* da análise realizada pela ferramenta *Hashtagify.me*.

Para Peirce (1983), isso acontece porque a experiência colateral induz a um processo autocorretivo da ação sígnica, ou seja, da semiose. E essa autocorreção pressupõe transmissão, atualização e tradução por associação sígnica. Segundo Colapietro (2004), esse processo de significação não tem rotas pré-fixadas, mas trajetórias emergentes e alteráveis, definidas pelos movimentos dos viajantes (intérpretes). Por essa razão, não podemos entender o processo de semiose apenas pelo viés da determinação, pressupondo um caminho imutavelmente apontado, como muitos formalistas enxergam a teoria de Peirce, mas a partir de trajetórias fluidas, que podem encontrar bifurcações, resultando em um grande labirinto.

Já a semiose da hashtag #foraTemerRio2016 (FIG. 3) é mais homogênea e direcionada, o que significa que a experiência colateral encontrou maior familiaridade com o objeto. Por um lado, ela faz conexão com as hashtags do evento: #rio2016, #cerimoniadeabertura e #openingceremony, mostrando uma forte intenção em ser



propagada durante a noite de abertura. Por outro lado, ela aparece como um desdobramento da *hashtag* #foratemer, vinculando outras *hashtags* com o mesmo posicionamento, porém com menor visibilidade: #stopcoupinBrazil, #outTemer, #foraTemerOlimpico. Podemos notar que se trata de uma semiose mais enxuta, com poucas associações na formação de novos interpretantes. Porém, suas ligações são mais intensas quando observamos a espessura das linhas encontradas.

All-time Top 10 Hashtags related to #ForaTemerRio2016 ◀ ▶

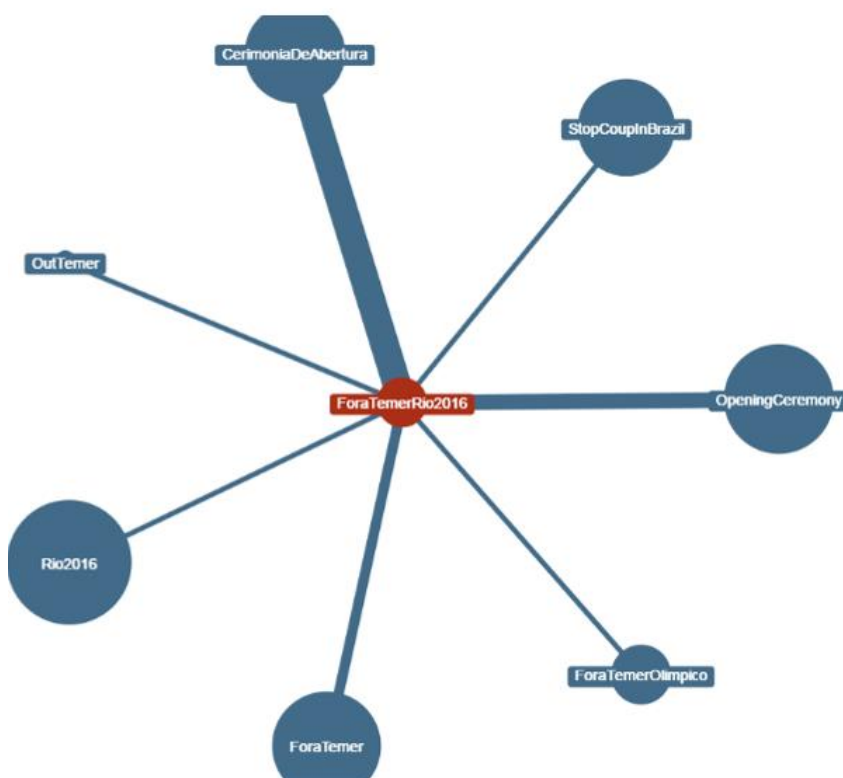


FIGURA 3 - Relações estabelecidas pela *hashtag* #foraTemerRio2016 no Twitter.

FONTE - *print screen* da análise realizada pela ferramenta *Hashtagify.me*.

### 3. Semiose e os princípios da dinâmica transmídia

A partir dessa análise entendemos que o potencial de mediação das *hashtags* também delinea uma dinâmica transmídia por meio da experiência colateral. Existe um propósito dinâmico de ação que se forma pelo processo de associação sígnica entre as *hashtags*. Cada linha exibida nas redes de semiose representa um novo signo, ou seja, um novo interpretante na construção de sentido da *hashtag* estudada. Esses novos interpretantes podem ser vistos como desdobramentos provisórios da narrativa das Olimpíadas. São ramificações que complementam o significado da semiose, mas que

também constroem narrativas paralelas. Dessa forma, para Alzamora e Gambarato (2014) apontam que a dimensão criativa oferecida pela experiência colateral denota vitalidade para a narrativa. É justamente o domínio de representação do signo que leva à incompletude produtiva do interpretante, visto que nunca conseguimos obter o significado primário do objeto. Como a semiose nunca se fecha e não chegamos ao interpretante final, tomamos esta incompletude como um parâmetro conceitual para compreender a forma como o consumo de mídia regula hábitos e modela a dinâmica transmídia nos processos de associação sígnica. (ALZAMORA; GAMBARATO, 2014).

Isso porque, na visão de Jenkins (2012), cada texto que se desenrola nos ambientes midiáticos precisa contribuir de maneira distinta e valiosa para o todo. Não se trata de um processo de adaptação que acontece em múltiplas plataformas, mas de uma criação complementar que integre a comunicação em vários ambientes por mediações sobrepostas. Entretanto, como pontua Jenkins (2012), é importante que cada texto também ganhe sentido isoladamente. A narrativa transmídia é a soma de textos independentes que referenciam uma narrativa determinante, mas que também constroem significados de forma isolada. Assim, segundo Alzamora e Gambarato (2014), a dinâmica transmídia pode ser tomada como uma ramificação pragmática da semiose na mídia, uma perspectiva que explica a incompletude do interpretante na conformação de hábitos provisórios de ação.

Isso é visível no caso das *hashtags* analisadas neste trabalho, visto que elas conectam instâncias de significações distintas e trilham caminhos narrativos de forma seriada e hipertextual. Quando olhamos, de maneira geral, para todas as semioses (FIGs. 1, 2 e 3), notamos uma convergência entre as *hashtags*. Assim, podemos identificar a criação de um propósito comunicativo referente à cerimônia de abertura das Olimpíadas. Porém, quando especificamos as trajetórias criadas pelas *hashtags*, individualmente, percebemos outras conversações que atravessam o tema central. Ao mesmo tempo, observamos que essas *hashtags* são também utilizadas em outros ambientes, tanto online quanto offline. Essa movimentação entre representação e determinação, abarcando plataformas e linguagens distintas, configura o que estamos chamando de dinâmica transmídia.

Para determinar a potencialidade desse tipo de narrativa, Jenkins (2009) descreve alguns princípios da dinâmica transmídia. O primeiro diz respeito à expansão versus profundidade da narrativa. Segundo o autor, muitas vezes a narrativa com grande

capacidade de expansão e adesão não garante um forte engajamento social em longo prazo. Por outro lado, a profundidade pode gerar uma baixa audiência, mas absorve mais tempo e energia do público envolvido. Os dois casos podem acontecer em uma dinâmica transmédia, visto que a decisão é um processo único do usuário (intérprete).

Se pensarmos no universo das *hashtags*, nem sempre aquelas que chegam aos *Trending Topics* do *Twitter* perduram no compartilhamento ao longo do tempo. Muitas vezes, elas são criadas na efemeridade, sem abarcar um processo mais profundo de discussão ou apenas cumprindo o domínio indicial que leva à repetição para dar visibilidade a uma discussão geral. É o caso da *hashtag* #foraTemerRio2016, que foi criada como um desdobramento semântico da *hashtag* #foratemer para atravessar e alcançar visibilidade no evento. Na cerimônia de abertura, ela atingiu os *Trending Topics* e se manteve no ranking até o final da noite, porém deixou de ser usada progressivamente ao longo do evento. O ponto máximo de compartilhamento aconteceu durante a fala de Michel Temer na cerimônia, por volta das 23h30, contando com 4.842 *tweets*. A mesma lógica foi aplicada na criação da *hashtag* #cerimoniadeabertura, usada para descrever um curto período de tempo, mas que gerou picos de audiência na noite. Por outro lado, algumas *hashtags* tornam-se símbolos narrativos, como é o caso, por exemplo, das *hashtags* #rio2016 e #foratemer, que perduraram durante todo o contexto das Olimpíadas. Assim, como a narrativa é fruto do uso social da *hashtag*, a expansão e profundidade são essenciais para a sobrevivência da semiose.

O segundo princípio é de continuidade versus multiplicidade. Jenkins (2009) critica a ideia de uma narrativa que busca a continuidade desenvolvida em vários textos, pois isso poderia limitar o consumo criativo da audiência. O ideal seria focar na multiplicidade, abarcando todo o potencial de desenvolvimento do público. Como as *hashtags* nasceram no âmbito da multiplicidade, sendo resultado do próprio engajamento social, sua semiose já se desenvolve de forma reticular. Isso significa uma abertura para a experiência colateral, prevendo a formação incessante de novos interpretantes, como já vimos anteriormente nas análises exibidas. Porém, a multiplicidade não pode perder de vista a referência ao objeto. Caso contrário, a semiose será rompida.

Em terceiro lugar, Jenkins (2009) aponta para a imersão versus extratibilidade, que dizem respeito à mistura entre a narrativa gerada e experiências cotidianas. Isso significa que o público é capaz de mergulhar na narrativa, incorporando os

micromundos construídos. Se pensarmos nas *hashtags*, elas ganham visibilidade por aspectos sógnicos que envolvem empatia, adesão e argumentos lógicos, definidos pela experiência colateral (PEIRCE, 2003). Como representam um posicionamento comum, elas garantem a imersão no micromundo. No caso da *hashtag* #foraTemerRio2016, vinculada a um contexto político, sua semiose é, predominantemente, gerada pelos interpretantes afins. E a mediação acontece entre a primeiridade (sentimento gerado pela *hashtag*) e a secundidade (rastros físicos que a *hashtag* deixa na inscrição narrativa), formando a terceiridade que aponta para um hábito de ação.

Outro aspecto importante listado por Jenkins (2009) é a construção de mundos. Existe um desejo das audiências de mapear e dominar todo o conteúdo sobre a narrativa criada, que indicaria um “impulso enciclopédico”. Por isso, o autor detalha a importância da construção de mundos complexos, utilizando várias linguagens e mídias. Essa complexidade é visível quando as *hashtags* são transpostas para o ambiente offline com o caso da *hashtag* #foratemer que vigorou em cartazes e camisetas durante o evento olímpico. Jenkins adverte que é preciso dominar as práticas comunicacionais e entender bem os ambientes a serem explorados. Nas ruas, as *hashtags* se tornam palavras de ordem por meio do uso social. É nessa transição entre o rastro indicial das redes sociais online e a presença de símbolos nas manifestações de rua que determina o grau de detalhamento do mundo criado.

O próximo princípio é da serialidade (JENKINS, 2009), que tem por objetivo transformar a narrativa em fragmentos históricos dispersos em vários sistemas de mídia, que só serão montados e remontados com a ajuda do consumidor (intérprete). Isso diz respeito à natureza não linear do conceito de transmídia, que coincide com o comportamento das *hashtags* que se desenvolvem de forma reticular na formação de novos interpretantes. Por isso, seria inviável conceber a trajetória cronológica de uma *hashtag*. De forma serial, linguagens e comportamentos de mídia vão se misturando nos processos de significação, como no caso da *hashtag* #foratemer durante os jogos. Na figura 4, podemos notar o compartilhamento de uma imagem no *Facebook* com a inscrição da *hashtag* #foraTemerRio2016. Porém, o conteúdo da imagem também traz uma forte simbologia por meio do uso da *hashtag* #foratemer. Quando ela sai do *Twitter* e atravessa outras plataformas e ambientes, ela passa a compor um novo ciclo comunicacional de maneira intermídia. É nessa conformação de hábitos provisórios de ação que surge a dinâmica transmídia.



FIGURA 10 – *Hashtags* compartilhadas no *Facebook* pelo uso de imagens.

FONTE – Imagem retirada do *Facebook* por meio da coleta manual da *hashtag* #foraTemerRio2016.

Por fim, Jenkins (2009) sinaliza a importância da subjetividade e performance na construção de uma narrativa. Ele afirma que devemos criar uma subjetividade em camadas, com mais elementos emocionais. Isso garante o envolvimento da audiência, por gerar empatia e energia. Já no caso da performance, o autor expõe dois tipos de comportamentos para induzir a audiência. O primeiro é aquele que reuni uma comunidade de pessoas que compartilham interesses comuns, como no caso das *hashtags* #rio2016 e #cerimoniadeabertura, indicando uma relação direta com os jogos olímpicos. O segundo, que ele chamou de ativadores culturais, dão a essa comunidade algo para fazer, como no caso da militância política por meio das *hashtags* #foraTemerRio2016 e #foratemer. A audiência é convocada para se manifestar por meio da simbologia gerada pelas *hashtags*.

Assim, com base na análise dos princípios descritos por Jenkins (2009), podemos considerar as semioses geradas pelas *hashtags* como uma dinâmica transmídia. Ela apresenta expansão ou profundidade de acordo com o propósito da ação, está sempre aberta à multiplicidade e à serialidade, cria proximidade com o cotidiano e gera imersão por empatia. Além disso, constrói a subjetividade por meio das associações sígnicas e reuni uma comunidade a partir de posicionamentos comuns na produção e compartilhamento dos signos. Por isso, a narrativa transmídia está ligada à experiência gerada pela audiência, que determina hábitos provisórios de ação.

#### 4. Considerações finais

O pragmatismo peirceano pressupõe o aprimoramento contínuo do processo de mediação sógnica, também chamado semiose, o qual configura hábitos provisórios de ação. As *hashtags* são rastros digitais que podem operar na mediação de um posicionamento comum, acionando outras *hashtags* na criação de uma rede complexa e provisória de sentidos. Partindo desse pensamento, o estudo em questão teve por objetivo investigar como o processo de semiose das *hashtags* #cerimoniadeabertura, #rio2016 e #foraTemerRio2016 atuaram na construção da dinâmica transmídia da cerimônia de abertura das Olimpíadas. Consideramos a semiótica de Peirce e os princípios postulados por Jenkins para criar um paralelo entre experiência colateral e consumo de mídia, a fim de perceber como o aprimoramento lógico da semiose, mediada por *hashtags*, pressupõe a composição de uma dinâmica transmídia.

Percebemos que a interface entre os ambientes online e offline definem um processo comunicativo serial e hipertextual, emergindo novos hábitos de mídia a partir do uso de *hashtags*. Tanto os protestos de rua, como os veículos de comunicação offline, se apropriam hoje das *hashtags* para criar uma interseção com o ambiente digital. Essa mistura potencializa o aprimoramento da semiose gerada por essas *hashtags*. Por serem frutos da multiplicidade online, trata-se de signos que estabelecem novas conexões por meio dos princípios postulados por Jenkins. Isso define uma integração entre processos de comunicação verticais (corporações de mídia) e horizontais (indivíduos e grupos) em conexões digitais. Assim, esse processo mediador integra dinâmicas comunicacionais diferenciadas, as quais operam intramidiaticamente e intermediaticamente de modo interconectado.

Usando a semiótica de Peirce como suporte teórico-metodológico, analisamos as *hashtags* escolhidas a partir de coletas manuais no *Facebook* e da utilização da ferramenta de monitoramento automático *Hashtagify.me*, das 20h às 23h50. Com isso conseguimos identificar as semioses geradas pelas *hashtags*, apontando aproximações e incongruência entre elas. Cada ramificação da semiose em busca de novos interpretantes contribui para o aprimoramento da comunicação, sendo a incompletude do interpretante o fator principal para a abertura do processo criativo da semiose por meio da experiência colateral, tecendo narrativas variadas e heterogêneas. Dessa forma, a semiose das *hashtags* estudadas coloca em evidência uma rede variada de significados

tecida coletivamente ao longo do evento de abertura das Olimpíadas 2016, compreendendo, assim, uma dinâmica transmídia.

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane. ANDRADE, Luciana. A representação do Impeachment Day mediada por *hashtags* no Twitter e no Facebook: semiose em redes híbridas. **Revista Interin**. Curitiba, v. 21. n.2. p. 100-121, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/478/pdf>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

ALZAMORA, Geane; GAMBARATO, Renira. Peircean Semiotics and Transmedia Dynamics. Communicational Potentiality of the Model of Semiosis. **Ocula** - Occhio semiotico sui medi, v. 15, p. 1, 2014. Disponível em: <[http://www.ocula.it/files/OCULA-15-PEIRCEAlzamora\\_Gambarato\\_\[270,532Kb\].pdf](http://www.ocula.it/files/OCULA-15-PEIRCEAlzamora_Gambarato_[270,532Kb].pdf)>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

BRUNS, Axel. BURGESS, Jean. Twitter *Hashtags* from Ad Hoc to Calculated Publics. In.: RAMBUKKANA, Nathan. **Hashtag Publics: the power and politics of discursive networks**. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2015.

COLAPIETRO, Vincent. Ubiquitous mediation and critical interventions: reflections on the function of signs and purposes of Peirce's semiotic. **International Journal of signs and semiotics systems**, vol. 1, issue 2, 2011.

COLAPIETRO, Vincent. The routes of significance: reflections on Peirce's theory of interpretants. **Cognitio**, São Paulo, v.5, n.1, p. 11-27, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2012.

JENKINS, Henry. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling**, 2009. Disponível em: <[http://www.convergenceculture.org/weblog/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.php](http://www.convergenceculture.org/weblog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.php)>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

MÜLLER, Jürgen. Intermediality revisited: some reflections about basic principles of this axe de pertinence. In: ELLESTRÖM, Lars. **Media borders, multimodality and intermediality**. London: Palgrave Macmillian, p. 237 – 252, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. Collected Papers of Charles Sanders Peirce. In: **Os Pensadores**. Trad.: Luís Henrique dos Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad.: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.